

O BRASIL E A EDUCAÇÃO GLOBALIZADA: Um Longo Caminho a Seguir

Érica da Silva Dias¹

RESUMO: Este texto procura desvendar e provocar discussões o sistema de ensino globalizado utilizado por outros países e pelo Brasil mediante a uma cultura neoliberal e fazer uma comparação com as performances e resultados obtidos pelas partes avaliadas diante de resultados de pesquisas internacionais. No processo, é mencionada a origem de nossas práticas de ensino e de nossos valores e expectativas perante o que achamos ser uma educação de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: História da educação. Neoliberalismo. Globalização.

ABSTRACT: This paper aims to unveil and discuss the “global” teaching system used in other countries and in Brazil in a neoliberal culture mindset and compare their performances and results obtained by the evaluated parts in light of international research results. In this process, the origin of our practices and our values and expectations are brought forward to discuss what we believe quality in education means.

KEY WORDS: History of education. Neoliberalism. Globalization.

Em 2012, uma pesquisa da Economist Intelligence Unit (EUI), uma renomada empresa de consultorias europeia, revelou que a Finlândia seguida da Coreia do Sul e Hong Kong ocupam os primeiros lugares em qualidade de educação global. Até então, nada de extraordinário. Contudo, a pesquisa não parou por aí. Dos quarenta países mencionados na pesquisa, o Brasil ficou em penúltimo lugar, perdendo apenas para a Indonésia. Um resultado chocante? Nem tanto!

Desde seu descobrimento, o Brasil já passou por vários modelos de educação. O primeiro, implementado pelos jesuítas, mostrou uma clara predileção pela doutrinação e pelo ensino dogmático humanista, deixando de lado todos os questionamentos que levantassem dúvidas sobre o Catolicismo, incluindo o ensino das ciências. Sabemos que esse modelo de educação causou um impacto severo no ensino em nosso país como um todo, uma vez que, mesmo com quase

¹ Graduanda do curso superior de Pedagogia, graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, licenciada pela Universidade Católica de Brasília e pós-graduada em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

quinhentos anos de história da educação brasileira, ainda não nos libertamos completamente das limitações que a falta de cultura de pesquisa acarretaram. Mesmo com a chegada de uma educação positivista e posteriormente a construtivista, o sistema unilateral enraizado, ainda nos assombra.

Somos um país que foi privado de uma educação de qualidade por séculos. Somente durante o processo de industrialização do Brasil, o ensino foi massificado, não por interesses de desenvolvimento intelectual, mas sim por interesses estritamente comerciais, limitando-se a um ensino profissionalizante deficiente.

E essa mercantilização do ensino ainda se estende. Ball (2014) alerta que países emergentes são o grande alvo dos chamados *edu-businesses* e *think tanks*, que se aproveitam dos “microespaços” de uma cultura neoliberal para problematizar, criar demanda e propor soluções “envelopadas” e milagrosas, isentando assim o Estado de sua responsabilidade de qualificar o ensino através de suas políticas públicas de intervenção.

Boaventura Santos (*apud* Candau) destaca que, no que refere à globalização do ensino existem quatro possibilidades: localismo globalizado – no qual a realidade local projeta a globalização com sucesso; globalismo localizado – no qual é visível o impacto das transnacionais nas condições locais; cosmopolismo insurgente e subalterno – oposição organizada transnacionalmente aos supracitados; e o patrimônio comum à humanidade – lutas transnacionais para a preservação do bem comum.

Há alguns meses, o governo da Finlândia anunciou uma reforma significativa e impactante em seu sistema de ensino: o estudo de unidades de investigação ou eixos temáticos nos quais as disciplinas são integradas de modo holístico, ou seja, estudar sobre um tópico como as brincadeiras infância implica em ensinar aos alunos a matemática de contagem de pontos ou placares, a ciência por trás da manipulação da matéria para a fabricação de brinquedos, nos estudos sociais que nos permitem entender como as influências socioculturais modificam as brincadeiras disponíveis e inventadas no globo, etc.

A ideia por trás desta prática de ensino é simples: o aluno deve ser capaz de se identificar com os temas propostos, solucionar problemas proporcionais a sua idade, se tornar mais reflexivo, criativo, inquisidor e proativo e co-participativo até mesmo com o seu próprio ensino para que se torne um cidadão do mundo. Neste tipo de mentalidade, o aluno exerce um papel central em seu processo de

aprendizagem. Prepara-se assim, um indivíduo capaz de problematizar e solucionar situações que podem ainda não existir.

Na verdade, essa filosofia de ensino agora adotada pela Finlândia não é nova. Ela vem amadurecendo no mundo todo à medida que estreitamos nossos laços socioculturais e econômicos com o globo ou à medida que os *trends* educacionais se tornam mais populares. Há inclusive um selo internacional para as chamadas Escolas do Mundo, o International Baccalaureate (IB). A proposta é lecionar o conteúdo local e também um conteúdo universal de modo que alunos oriundos de vários países tenham consistência curricular no mundo todo. Ainda assim, a sugestão dessa prática remete a uma preocupante tendência internacional de padronização do ensino. Nesse sentido, Emilia Ferreiro (2001, apud Lerner) alerta para a tendência mundial de se “equiparar igualdade à homogeneidade”.

Em um mundo cada vez “menor”, sentimos a necessidade de nos relacionarmos com várias culturas. Como um todo, cidadãos de todos os países viajam cada vez mais, mudam-se cada vez mais e se inserem em diferentes culturas como nunca. Partindo do pressuposto que toda criança tem o direito inalienável de estudar, como o Estado se prepara para fornecer e garantir uma educação globalizada mediante a essa realidade?

Em princípio, achamos o ensino holístico e transdisciplinar uma ideia interessante e revolucionária, mas de natureza totalmente empírica e que não poderia ser possivelmente implementada em nosso país. Como poderia ser quando a realidade da educação pública ainda não consegue lidar com os conflitos e diferenças de seu próprio povo, suas heranças socioculturais e suas polissemias.

Não há dúvidas: escola boa no Brasil é aquela que aprova no vestibular. Escola boa é aquela que estampa os resultados do concurso público e que explora a imagem do aluno que ficou em 1º, 2º ou 3º lugar em qualquer curso, geralmente de uma instituição pública. Os louros do produto final fazem com que os alunos, pais e professores esqueçam que, durante os anos do ensino médio, o aluno teve provas toda semana, de preferência nas sextas-feiras e que para ser bom ou melhor do que os outros, ele precisava decorar o que podia cair na prova e não tirar nada abaixo da média.

Diante de tais informações, proponho a seguinte reflexão assustadora: Na mentalidade brasileira atual, uma criança que comece sua vida escolar aos 6 anos de idade no ano de 2016 e que não repita nenhum ano, se formará no ensino médio

em 2028. Se decidir (e puder) continuar os estudos, irá se formar na educação superior em 2032, com sorte. Em 2033, estará apto a entrar no mercado de trabalho com certa empregabilidade, mas só em 2068, esta criança poderá se aposentar integralmente (se a lei não mudar). É incrível que não pensemos que estamos preparando nossos pequenos para profissões que podem ainda não existir e mesmo assim achamos que a educação boa é aquela que tivemos. Na mentalidade atual, criamos nossos filhos para o mundo, contanto que o mundo seja a esquina.

A pesquisa, a cultura, a leitura, a reflexão, a crítica, a argumentação são tão pouco explorados na nossa educação que não é de espantar que o Brasil esteja tão atrasado e, por conseguinte, tão abaixo de patamares aceitos em termos de educação global.

O papel da escola é fundamental, mas sozinha ela não faz milagres. Enquanto nossos pais e o Estado não revisarem seus conceitos de educação e de como enxergá-la além da máquina de certificados que se tornou, o professor ainda será refém de situações limitadoras, quaisquer que sejam.

Precisamos rever nossos conceitos e compreender que o Estado não é refém das “Redes Transnacionais” (Ball) e tampouco encarregada de homogeneizar, e de igualar as diferenças. É preciso salientar que se até o primeiro Estado do ranking mundial de qualidade em educação, a Finlândia, ainda acha que a educação contemporânea não é perfeita, por que achamos que devemos ficar aqui de braços ainda acorrentados?

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. **Educação Global S.A.:** novas redes políticas e o imaginário neoliberal. 1. ed. Ponta Grossa (PR). Editora UEPG, 2014.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças Culturais, Interculturalidade e Educação em Direitos Humanos.** Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a15.pdf> . Acesso em: 25 ago. 2016.

LERNER, Delia. Enseñar em la Diversidad. Texto publicado em **Lectura y Vida.** Revista Latinoamericana de Lectura. Buenos Aires, v.26, n.4, dez 2007.

Santos, Boaventura de S. **As Tensões da Modernidade.** Disponível em:
http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1325792284_As%20tens%C3%B5es%20da%20Modernidade%20-%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos.pdf. Acesso em: 22 ago. 2016.

IBO (Reino Unido) (Org.). **Making PYP Happen:** A curriculum framework for international primary education. 2009. Disponível em: <<http://www.ibo.org>>. Acesso em: 21 mai. 2015.

HENTZ, Paulo. **Realidade Socioeducacional.** Universidade do Vale do Itajaí: Biguaçu: UNIVALI Virtual, 2013.

RICHARD GARNER (Reino Unido). The Independent (Ed.). **Finland schools:** subjects scrapped and replaced with 'topics' as country reforms its education system. 2015. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/europe/finland-schools-subjects-are-out-and-topics-are-in-as-country-reforms-its-education-system-10123911.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BBC (Reino Unido). **Brasil fica em penúltimo lugar em ranking global de qualidade de educação.** 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121127_educacao_ranking_eiu_jp>. Acesso em: 20 mai. 2015.